



# COGNITIO

Revista de Filosofia  
Centro de Estudos de Pragmatismo

São Paulo, v. 25, n. 1, p. 1-10, jan.-dez. 2024  
e-ISSN: 2316-5278

 <https://doi.org/10.23925/2316-5278.2021v22i1:e67533>

## DOSSIÊ HEGEL E A LÓGICA / DOSSIER HEGEL AND LOGIC

### A suprassunção do ser em unidade, pluralidade e continuidade: a quantidade pura

*The supersumption of being in unity, plurality and continuity: pure quantity*

**Adilson Felício Feiler\***  
feilersj@yahoo.com.br

**Resumo:** A categoria de Quantidade, em Hegel, é desenvolvida de tal modo a auxiliar na caracterização daquilo que se compreende por ser. Para além da liquidez, fechamento e inflexibilidade, típica de uma compreensão limitada a uma exclusividade unívoca e finalista, o ser se apresenta mediante novos desdobramentos, que lhe confere abertura. A flexibilidade, que assim caracteriza o ser, tem, na quebra da rigidez da univocidade, na interrupção do exclusivismo imediatista e no impedimento da descontinuidade finalista, o estatuto de ser para si suprassumido como Quantidade. Como uni, pluri e contínua, é uma grandeza que descreve os unos para além de uma mera representação superficial. Em que medida é possível conceber o ser, pelo ultrapassamento da mera faculdade de compreensão de substância no entendimento, como Quantidade una, plural e contínua?

**Palavras-chave:** Entendimento; Hegel; Quantidade; Ser; Substância.

**Abstract:** *The category of Quantity in Hegel is developed in such a way as to help characterize what is understood by being. Beyond the liquidity, closure and inflexibility typical of an understanding limited to a univocal and finalist exclusivity, being presents itself through new unfoldings that give it openness. Flexibility, which thus characterizes being, has, in breaking the rigidity of univocity, in interrupting immediatist exclusivism and in preventing finalist discontinuity, the status of being for itself superseded as Quantity. As uni, pluri and continuous, it is a quantity that describes the unities beyond a mere superficial representation. To what extent is it possible to conceive of being, by going beyond the mere faculty of understanding substance in the understanding, as a unified, plural and continuous Quantity?*

**Keywords:** *Being; Hegel; Quantity; Substance; Understanding.*

**Recebido em:** 21/01/2024.

**Aprovado em:** 10/09/2024.

**Publicado em:** 31/10/2024.

## 1 Considerações iniciais

A categoria de Quantidade em Hegel, compreendida em sua pureza, aponta para uma compreensão do ser como contendo dentro de si um processo de transformação que o põe para além de uma mera realidade fechada em si mesma. Pois, ao se falar de Quantidade, se vem a mente uma realidade que inclui algo para além de alguma coisa exclusiva. E, desse modo, da mesma forma, se pode também traduzir a ideia de se poder possibilitar sempre algum acréscimo; à realidade que já está posta pode-se somar, agregar sempre outras, no intuito de se promover inclusão. E, é justamente aplicado ao ser que Hegel entende a Quantidade como uma categoria que se lhe soma para traduzir melhor toda a sua riqueza e potencialidade. Por isso, não se trata de um ser resumido a uma determinação pura, mas que se desprende de seu ensinamento solipsista se suprassume como uno de si



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

\* Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.

e do outro. Ao mesmo tempo que este uno repele o outro de si mesmo, com este outro também estabelece relação. Ora, se o uno se abre a relação com o outro, este já não se resume a uma determinação solipsista. Trata-se, portanto, de um uno que se compreende como ser que é fonte de atração, e não mais apenas ser para si. Não que o ser deixa de ser para si, mas, nesta abertura, agrega, suprassume uma nova condição, a de atrair. Ora, como fonte de atração, o ser deixa de ser considerado apenas um ser para ser mais, atraindo, agregando outros, processo este que resulta na categoria de Quantidade. Já que a partir deste momento não se concebe apenas um, e sim, outros, que, somados, compreendem uma realidade que se caracteriza como que um aumento de suas dimensões. E, por isso, o fenômeno de aumento, mediante o qual o ser se submete, apresenta a categoria Quantidade, não sendo mais apenas um, mas duas ou mais realidades, que, progressivamente, vão se somando ao ser. Estas realidades são as mais diversas possíveis, por isso, trazem a marca da pluralidade, assim como também o seu processo de agregamento de novas realidades não possui um termo, mas se caracteriza como um contínuo, como um incessante somar de sempre novas realidades.

As dimensões de unidade, pluralidade e continuidade conferem ao ser uma riqueza de compreensão tal que permite avançar em termos de compreensão do ser como realidade aberta e flexível. Essa compreensão é fundamental no sentido de se esclarecer inúmeros pontos e questões a que o pensamento de Hegel, precisamente em seu sistema, muitas vezes é alvo de críticas. Como é o caso, de ser considerado como um pensamento fechado, preso a um necessitarismo acéfalo e autocentrado. A categoria de Quantidade, por isso, ao trazer os desdobramentos conceituais de unidade, pluralidade e continuidade não permite enxergar o ser como uma realidade isolada e descolada do todo, mas como uma realidade viva, aberta e dinâmica, ultrapassando assim os estranhamentos de uma compreensão necessária, típica de leituras apressadas e superficiais do pensamento hegeliano.

Com a categoria de Quantidade, Hegel dá prosseguimento ao desdobramento conceitual da doutrina do ser, conferindo a este toda a flexibilidade necessária para a sua devida manifestação dos desdobramentos dialéticos da lógica. Com esta nova categoria, mais uma vez se faz jus àquela expressão de que o ser se pode dizer de muitos modos. E, aqui, o ser é dito como Quantidade, como o ser que suprassume, como o ser que carrega dentro de si elementos anteriores. E, nesse carregar de elementos anteriores, se expressa como uno que não se resume a uma univocidade isolada nela mesma, mas compreendida como unidade. E, ao se falar de unidade, se compreende como unidade de vários, caso contrário nem se teria como sequer cogitar o termo “unidade”. A unidade compreende elementos unidos; portanto, é um conjunto de elementos que conferem à sua relação de proximidade e acolhida como de uma realidade maior, a qual se permita denominar unidade. E, nesta unidade, compreendida para além de uma soma de partes, de destaca uma característica fundamental, que é a de Quantidade, da qual se é permitido referir como algo que traz dentro de si um plus, um mais. Este mais aponta para uma quebra da monoliticidade de uma compreensão equívoca do ser.

O percurso que se apresenta, tem como meta, procurar responder ao problema que se depreende de uma compreensão da categoria de Quantidade apressada, abstrata e superficial, pelo entendimento, para avançar na direção de uma compreensão dela como substância. Desse modo, não mais superficialmente tratando, e, sim, substancialmente, a Quantidade deixa de ser dividida, unívoca e finita, para se compreender como unidade, pluralidade e continuidade. Seguindo a compreensão substancial da categoria de Quantidade, se apresentam três momentos, mediante os quais, se pretende apresentar como ela pode contribuir para uma visão aberta do sistema dialético hegeliano. Num primeiro momento, é apresentado o fenômeno da quebra da rigidez de uma compreensão de uno fechado e autocentrado, para uma compreensão do mesmo como unidade inclusiva. Intitula-se este primeiro movimento “A quebra da rigidez absoluta do uno pela dissolução na unidade inclusiva.” Passa-se, num segundo momento, a apresentar o papel da interrupção de uma exclusividade imediata do ser para se abrir a uma pluralidade mediata e diversa. A este se intitula: “A interrupção do exclusivismo imediato pela pluralidade simples mediata.” E, finalmente, no terceiro momento, ao se interpor um impedimento frente à descontinuidade

finalista, se apresenta a possibilidade de se contribuir para a continuidade ininterrupta e infinita do ser. Intitula-se “O impedimento da descontinuidade finalista pela continuidade ininterrupta”.

## 2 A quebra da rigidez absoluta do uno pela dissolução na unidade inclusiva

A Qualidade, como nova categoria que se depreende do movimento da lógica na doutrina do ser, tem como desafio a superação de alguns obstáculos. O primeiro desafio de superação é o da quebra da “[...] rigidez absoluta do uno” (Hegel, 2017, p. 197). O uno, enquanto realidade fundamental, sobre a qual se compreende o ser, necessita despir-se da mortalha férrea e rígida de sua determinação. Por essa razão, o ser necessita realizar um processo de imediação, que é possível na medida em que avança para além das mediações, responsáveis pela sua constante determinação. E é neste estado de imediatez que a unidade pode se firmar; uma unidade, na qual desaparecem as diferenças, como Henrique Cláudio de Lima Vaz apresenta em uma nota sobre a tradução desta parte das *Ciência da Lógica*: “Em razão da imediatez desta unidade na qual desapareceu essa diferença, já que tal diferença só se dá onde há a unidade do ser e do nada, e fora desta unidade vem cair no ser-outro” (Lima Vaz, 2021, p. 301).

Enquanto realidade determinada, o ser não tem como avançar em termos de desdobramentos lógicos para expressar a sua riqueza de ser universal, particular e individual. Como Michael Inwood recorda: “A quantidade de um juízo é o seu ser universal, particular ou individual” (Inwood, 2007, p. 336). O estatuto de unidade, ao que o uno visa atingir para que alcance a flexibilidade necessária ao seu desenvolvimento lógico, ao contrário de ser uma unidade pétrea, é uma unidade em que as partes que o constituem não se encontram isoladas, mas em diálogo. Estas partes em diálogo constituem a “filosofia do ser”, e, por isso, Manfredo Araújo de Oliveira diz a esse respeito que “Avançar aqui, parafraseando Hegel, significa retornar ao fundamento da “filosofia do ser” (Araújo, 2012, p. 194). Por isso, aquele movimento de repelir, que soe acontecer numa situação de “[...] rigidez absoluta do uno” (Hegel, 2017, p. 197), passa a realizar um movimento contrário ao de repelir das partes do uno, leva à separação, à divisão das partes que o compõem. Por isso, o uno nestas condições se caracteriza como acéfalo, incapaz de criar, um uno sem dinamicidade, estático, pois a coesão interna lhe é negada pelas partes que o constituem estarem isoladas. Para que aconteça a coesão das partes que constituem o todo do uno, não se trata de eliminar o movimento de repulsão, mas, antes, de integrá-lo de tal forma que venha a contribuir para que a unidade aconteça.

O movimento de repulsão, ao habitar a própria unidade, confere a ela uma “[...] unidade do ser fora de si” (Hegel, 2017, p. 197). Ou seja, é uma unidade que aponta para o fora do ser de si, por isso, o movimento de repelir, de empurrar para fora, e assim constituir uma unidade com o fora. Mas, a unidade do ser é, também “[...] unidade consigo mesma” (Hegel, 2017, p. 197). Ou seja, este repelir da unidade do ser para fora é um repelir do próprio ser que contribui, ao mesmo tempo, para uma unidade consigo mesma. O repelir não é, desse modo, um movimento isolado dentro do processo total do uno, mas se poderia dizer, um movimento dele, a possibilitar sua continuidade: a atração é como o momento da continuidade na quantidade. Neste sentido, a repulsão não é excluída pela atração, mas sim, constituem momentos de passagem, que, dentro do processo do desenvolvimento da lógica do ser, é uma unidade indissolúvel. Assim, de repulsões a atrações, vai se contribuindo para a unidade, que, quantitativamente, vai se reconhecendo como unidade.

A cada repulsão do uno há uma dissolução na unidade, ou seja, um movimento de continuidade que conflui, pela atração, para a unidade. Entre repulsão e atração há um processo que, longe de constituir uma mútua exclusão, trata-se de uma inclusão, de modo que, a cada momento, uma repulsão prepara já a atração e assim sucessivamente, confluindo num todo que é a unidade, o ser. Portanto, se, por um lado, a repulsão carrega consigo a marca da rigidez do fechamento e petricidade, a atração porta consigo a marca da sensualidade, leveza e dissolução. A solidez pétrea se dissolve como o ouro no cadinho; contudo, mesmo em estado líquido, o ouro continua sendo uma unidade. O seu estado de liquidez não

perde a sua dimensão de unidade; no entanto, trata-se de uma unidade que passa por um novo estágio, de rígida passou a ser flexível, e, assim, contribuir com a unidade numa modalidade nova, trazendo novamente a consigna, antes mencionada, de que há muitos modos de se dizer o ser. Mas que, embora sejam muitos estes modos, o ser é um e o mesmo ser e nele não pode haver divisões, apesar destas múltiplas maneiras de dizê-lo, bem como das múltiplas formas que assume. Esta multiplicidade de formas e maneiras de concebê-lo são fundamentais para lhe garantir o estatuto de unidade, já que não se fala de unidade entre iguais, mas sim de diferentes. Desse modo, se pode dizer que são diferentes que constituem uma unidade.

Desse modo, se num momento estas diferenças se repelem mutuamente, também em outro momento se atraem, pois entre um momento e outro há uma continuidade, a qual será devidamente tematizada mais adiante. Em meio a todos estes momentos, há necessidade de se ter um princípio, por onde começar, e este princípio é o uno. Contudo, um uno que traz já dentro de sua realidade de uno, a duplicidade do fora e do dentro, da repulsão e da atração. Este uno é, por isso, a totalidade, sem a qual não haveria como iniciar o processo de desenvolvimento lógico. Como recorda Henrique de Lima Vaz, trata-se da “[...] totalidade objetiva e da totalidade subjetiva. Aqui se torna claro o sentido que Hegel dará à distinção kantiana entre razão (*Vernunft*) e entendimento (*Verstand*)” (Lima Vaz, 2014, p. 225). Pois, é tornando a realidade do uno, como um todo, que se poderá, partindo dessa realidade de uno, dar continuidade ao processo, constituindo um sistema. Lima Vaz mostra como o sistema filosófico põe em realce a multiplicidade das determinações limitadas com o absoluto, donde resulta a totalidade do sistema da ciência” (Lima Vaz, 2014, p. 224). Este uno traz dentro dele a marca do plural, que é condição fundamental para o movimento interno acontecer. Pois, sem o movimento não há continuidade no processo. E este movimento só é possível pela tensão que existe entre diferenças internamente concebidas.

A unidade do uno não é uma unidade imediata, mas mediata, pois é uma unidade do uno que é para si. Há, pois, na própria realidade do uno, em sua constituição imanente, um movimento para o si, ou seja, há uma mediação que se dá do em-si, de dentro para fora: “[...] não é unidade imediata, mas unidade do uno que é para si” (Hegel, 2017), p. 197). Este uno mediatizado contém o ser de um fora, de um outro, mas que, ao mesmo tempo, por ser um outro, não é diferenciado, mas em continuidade. Entre o ser e o outro há uma extensão de continuidade que garante entre os mesmos a unidade. O ser com o outro de si em sua movimentação recíproca de repulsão e de atração, constituem uma dissolução que não separa, mas une.

O ser se dissolve em uma dureza, para se unir em sua liquidez e flexibilidade. Portanto, a unidade para poder perfazer o caminho de desdobramento lógico, deve, necessariamente, contar com a flexibilidade, caso contrário não é capaz de expressar a sua riqueza interna em momentos dialéticos de superação. E é, nessa imensa gama de expressão de riquezas internas em momentos dialéticos de superação que a quantidade vai ganhando forma, pela articulação e integração da experiência total do espírito no mundo. “O esforço gigantesco de Hegel aplica-se a conciliar a contingência histórica e a necessidade racional, a situar a razão mesma da história numa história da razão, que articule em imenso processo dialético os momentos e os planos que integram a experiência total do espírito no mundo” (Lima Vaz, 2001, p. 123). E, por isso, podendo ser captada pelo entendimento não como apenas uma realidade abstrata e superficial, tal como pode ser meramente representada, mas como substância. E quando se fala em substância, para além de uma mera representação abstrata e superficial, se concebe a quantidade compreendida em sua própria natureza de quantidade, com um conteúdo e uma forma definidos, pois mediatizados. Se trata, por isso, de uma quantidade pura e não de qualquer outra coisa superficialmente concebida. A quantidade pura, mediatizada como uno primordial dissolvida na unidade, que compreende um fora do outro, tem a pluralidade como a sua expressão. Esta pluralidade é lida como “consciência de si”. Henrique de Lima Vaz recorda que: “[...] – é a lição definitiva de Hegel –, a existência como história só pode ser refletida pela consciência-de-si, e a consciência-de-si se constitui fundamentalmente na relação com o outro” (Lima Vaz, 2001, p. 231). A unidade do uno é flexível em partes iguais simples e plurais, como momento em continuidade na unidade.

### 3 A interrupção do exclusivismo imediato pela pluralidade simples mediata

O uno rígido, que se dissolve na unidade, ao mesmo tempo que determinado pelo movimento de repulsão, possui o movimento de atração. Na impenetrabilidade do repelir e atrair, a unidade é mediada pelo em si e pelo para si, pelo ser e pelo fora, pelo uno e pelo outro. Mediante a dinâmica de continuidade, o uno leva ao pluri, de modo a se por a pluralidade como ela é em si mesma na relação de igualdade simples: “[...] a pluralidade está posta assim como ela é em si, os múltiplos são um o que [é o] outro, cada um [é] igual ao outro” (Hegel, 2017, p. 197). A igualdade do um e do outro é possível pelo movimento de continuidade entre o um e o outro. Assim, o outro é extensão do próprio um, de modo a se poder dizer que entre um e outro há uma relação de unidade, de identificação mútua entre ambas, quebrando assim todo e qualquer possível movimento de estranhamento entre eles. Entre uno e outro não há nenhum resquício de exclusivismos que levem a fazer deles realidades imediatas isoladas, sem conexão de uma com a outra, como se cada uma fosse autossuficiente. Por isso, esta autossuficiência e exclusividade é quebrada e interrompida pelo uno que se abre a pluralidade de outros unos, reconhecidos pela sua igualdade simples, ou seja, pela capacidade de estabelecerem relações entre si pautadas numa proximidade e identidade simples.

O outro provém do uno e do uno provém o outro. Por isso, se diz que se trata na pluralidade de um uno que trás o outro e de um outro do uno. E é graças à pluralidade entre uno e outro que é possível falar em relação, já que qualquer relação é possível pela presença de dois ou mais. De modo, é assegurado que o uno está para o outro e o outro está para o uno. Como multiplicidade que se exterioriza e se recolhe em unidade, como recorda Lima Vaz: “E breve virá Hegel, o espírito que se recolhe cumprindo o ciclo de suas ‘exteriorizações, o crepúsculo em que a ave de minerva eleva seu mais alto voo” (Lima Vaz, 2001, p. 178). Neste múltiplo estar de um para o outro, vai se estabelecendo a unidade, pois se trata de múltiplos que se identificam mutuamente. Desta multiplicidade plural do uno, que se constitui como unidade de iguais, porque entre eles, há identificação mútua que os atraem; se depreende a quantidade, compreendida não abstratamente, mas em sua pureza, portanto, na sua essência. A quantidade, essencialmente compreendida, tem, na pluralidade, uma garantia de interrupção de exclusivismos solipsistas, para abrir a inclusão de outros. Desse modo, não se prende a ensimesmar-se em torno a consideração de um em detrimento de outro, mas a considerar sempre mais um como possível a compor a quantidade. E, nesta quantificação de múltiplos que se desdobram do uno não há limites, pois trata-se de uma “(...) soma de linhas infinitamente plurais” (HEGEL, 2017, p. 199). Embora plurais, não deixam de manifestar a sua igualdade consigo mesmas. O plural não interrompe a marca da igualdade presente entre uno e outro, mas a mantém, graças a continuidade que permite o subsistir da permanência do uno no outro continuamente.

Contudo, de um uno que não é o outro, mas que está no outro enquanto presença a garantir identidade e igualdade, caso contrário, seria nada senão um agregado de diferenças sem nenhum tipo de relação entre si, como átomos isolados, autossuficientes e auto subsistentes. Esta subsistência e autossuficiência no fundo se traduz na própria exclusividade do eu, como Henrique de Lima Vaz apresenta: “A promoção exclusiva do ‘eu constitutivo’ da razão matemática conduzirá ao divórcio kantiano da ‘ontologia’ e do ‘mundo’, e, como viu Hegel, ela torna impossível a tradução do real em termos de validade absoluta” (Lima Vaz, 2001, p. 115-116). A pluralidade é feita de realidades que se identificam, caso contrário, não teria como constituir unidade. Pois, na soma de realidades diferentes não haveria como crescer em termos de unidade, apenas senão um conjunto de diferenças postas sem relação nenhuma entre si efetivamente falando. Ora, sem o mínimo de semelhança entre si, jamais é possível sequer cogitar a consecução da unidade. E dizer igualdade simples e sem diferença é antepor à pluralidade a concepção de elementos de um e outro e um e vários outros: um polo de atração que funciona como elo agregador. E este elo mantém, ao mesmo tempo, o pluri, ou seja, o diverso e plural, sem perder de vista a identidade

de um para com o outro, graças a qual é possível conceber a unidade: “(...) a pluralidade, portanto, [é] igualdade simples, sem diferença” (Hegel, 2017, p. 197).

Nesta simplicidade e indiferencialidade, a pluralidade mantém o vínculo entre os elementos que o compõe, graças ao qual é possível uma justaposição de diferenças sem qualquer vínculo entre si. Por isso, mesmo sendo uma realidade de justaposição destas, jamais seria possível conceber qualquer possibilidade de unidade. Cada componente, o uno, o outro e os demais necessitam criar uma disposição de reconhecimento que lhes permita estabelecer relações, e é destas relações que resultará a unidade. Assim, se de um fora do outro se dá prosseguimento a unos diferentes, então pela continuidade, que é o aspecto de que se tratará na seção seguinte, se é possível conceber este diferente como momento de passagem. Desse modo, o diferente deixa de ser diferença de si e de um fora do outro, ou seja, de um para si, para converter-se em igualdade em si e para si, ou seja, igualdade de si e de um fora do outro. Enquanto momento de pluralidade entre o uno, compreendido como em si e para si, não pode haver diferença, caso contrário se cai, inevitavelmente, numa espécie de mecanismo solipsista, ou ainda, num monodionismo desvinculado de toda e qualquer possibilidade de relação.

Como pluralidade, entre uno e outro, a igualdade deve se fazer presente no intuito de se converter o movimento de repulsão que separa, num movimento de atração que une e agrega. A união e agregamento se faz possível pelos iguais que se atraem com a meta de se compor a unidade, compreendida em uma natureza de quantidade pura. Portanto, uma pureza quantitativa plural, composta de uno e outro semelhantes. Assim, quanto mais plural, tanto mais se cresce em termos quantitativos. E, nesse crescimento constante de quantidade, a unidade se fortalece, já que as partes que o compõe mantém, pela atração, o vínculo de igualdade e identidade consigo mesmas, e com o outro. Logo, dado que o processo dialético é sempre dinâmico, de modo a, constantemente se caracterizar como uma superação de contradições, o ser suprassumido, enquanto unidade e pluralidade imediata, se caracteriza como continuidade, pela descrição dos unos.

Pela continuidade, o ser, como esta grandeza suprassumida imediatamente, dá um passo além no sentido de descrever os unos de modo a pôr esta descrição, expressar, imediatamente falando, toda a riqueza quantitativa que repousa na realidade dos unos, de maneira não formal, mas essencial. A continuidade impede com que concepções finalistas venham a se interpor no processo dialético com o intuito de impedir a sua flexibilidade e abertura. Contudo, esta abertura se coloca contra leituras totalitaristas feitas ao pensamento de Hegel. Por isso, como recorda Henrique de Lima Vaz: “Hegel admite um acabamento da dialética da luta e do trabalho, uma satisfação total da iniciativa criadora do espírito que provoca o processo dialético e uma pacificação das contradições na consciência do sábio” (Lima Vaz, 2001, p. 124). Desse modo, o acabamento do processo dialético não pode ser interpretado como fechamento totalitarista, mas sim uma base absoluta e fundamental de consciência que permite a continuidade de processos, uma abertura sobre a totalidade.

#### **4 O impedimento da descontinuidade finalista pela continuidade ininterrupta**

A quantidade, como ser suprassumido na unidade mediata, despido de sua rigidez que repele, se dissolve na pluralidade mediata que atrai, para, pelo movimento de continuidade, se desdobrar e expressar na descrição dos unos. A continuidade é, portanto, este momento que, em sua atração, se relaciona consigo em sua igualdade consigo mesma. Ou seja, embora plural, o ser suprassumido como quantidade, não perde a sua identidade consigo, lhe permitindo um relacionamento de proximidade e de simplicidade de si para consigo e dos outros e si para consigo. Portanto, trata-se de uma relação que não é interrompida por nenhuma espécie de obstáculo ou limite que venha a se interpor de maneira excludente. Mas, inclusivamente, o ser, enquanto quantidade una, plural e contínua, impele, agrega e assim, pela “(...)

atração é como o momento da continuidade na quantidade” (Hegel, 2017, p. 197). Ora, se o movimento de atração é contínuo, então a quantidade tende sempre a aumentar, no sentido de agregar sempre novos unos; se vai constituindo uma unidade pela mediação da continuidade. De modo que a relação de mútua proximidade e identificação dos unos de si para consigo mesmo e de si de um fora do outro prossegue ininterruptamente. E, nesse prosseguir ininterrupto de igualdades que se identificam, nenhum tipo de estranhamento ocorre ao interior da quantidade. Em sua grandeza, constituída de pureza, unidade e pluralidade, continuamente vai crescendo em reconhecimento de partes que se dão a conhecer, desde o ser de um fora do outro, passando por unos diferentes nos seus diferentes deles mesmos, até aproximar o ser de um fora do outro ao diferente dele mesmo, resultando na igualdade simples e sem diferença do uno e do outro. Neste reconhecimento, absolutamente nada escapa ao movimento de continuidade do exercício ininterrupto de vencer obstáculos que impedem a abertura do ser, enquanto quantidade pura suprassumida. Nada no ser é excludente, pois a igualdade consigo que se efetua, mesmo no momento de repulsão, se realiza continuamente pela sua compreensão como um todo.

A continuidade é este movimento do “[...] uno com um suprassumido como unidade, o continuar-se como tal na descrição dos unos” (Hegel, 2017, p. 213). A descrição se caracteriza como este momento de repulsão deles que não deixam de manter a sua identidade entre os unos, pluralmente dispostos. E, esta identidade, compreendida pela categoria de descrição, só é possível graças ao movimento de continuidade, presente essencialmente no ser enquanto quantidade pura. Pela descrição se compreende o movimento de passagem de superação de um momento dialético que conflui, que une, atrai, no sentido de não se interromper a “[...] igualdade consigo mesmo no múltiplo” (Hegel, 2017, p. 198). Assim, a identidade consigo mesma não se deixa interromper, como seria, por exemplo, um possível estranhamento ao interior dos unos. A descrição atua na relação entre os unos no sentido de permitir com que cada um deles, mesmo compreendidos enquanto multiplicidade e pluralidade, não deixam de manifestar a sua identidade múltipla. A ação de descrever de cada uno entre si é a de se dizerem mutuamente, expressando, desse modo, toda a riqueza essencial que habita ao interior de cada um. E como se trata de uma riqueza incomensurável, presente ao seu interior, este movimento de descrição é contínuo. Neste sentido, quanto mais se é possível expressar a riqueza que habita o interior do ser, mais riquezas a serem expressas e descritas se preparam para deixar de ser descrito, e assim reconhecido em sua identidade de si para consigo e para outros. Na descrição tudo passa a estar incluso, e, nessa inclusividade, o ser suprassumido como quantidade se estende infinitamente a atrair o múltiplo e plural, o fora do outro. Mesmo o movimento de repelir, em que o ser se precipita na forma de imediatidade, não deixa de ser um repelir da mesmidade. Ou seja, “[...] a repulsão é, portanto, o fluir que produz a si mesmo” (Hegel, 2017, p. 198). Assim, na medida em que o ser repele, afasta, distancia, e, ao mesmo tempo, atrai e contribui para a produção de si mesmo. Com isso, mesmo pelo aparente afastamento e separação, jamais se perde o lastro de identidade que o uno identifica no reconhecimento mútuo dos unos. Em cada momento da continuidade e da descrição, a quantidade, enquanto unidade destes momentos, se constitui. Portanto, trata-se da unidade de momentos em um contínuo fluir e neste o crescer da identidade de cada um dos unos envolvidos no processo. Contudo, trata-se de uma quantidade simples, já que seus momentos ainda não passaram por um desenvolvimento, são ainda momentos iniciais, como ser para si posto como ele é. Este ser é uma quantidade ainda pura, sem a presença de limites que lhe deem os devidos contornos, pois o próprio ser para si constitui um suprassumido dentro de si.

Desse modo, a quantidade em sua pureza é livre de determinações e limites que lhe deem contornos capazes de lhe confiar a sua devida explicitação e desenvolvimento, capazes de expressar a riqueza de sua constituição essencial. No entanto, a grandeza pura, assim compreendida é necessária para se proteger de um de seus grandes perigos do processo do desenvolvimento dialético, que é o estranhamento. O estranhamento constitui em uma situação mediante a qual ocorre a divisão que se rompe com a unidade ética. Rubens Godoy Sampaio, sobre este aspecto, diz que: “Hegel buscou reconciliar as oposições que romperam a unidade ética da comunidade humana” (Sampayo, 2006, p. 243). Pois, como visto, nos

três momentos apresentados, desde a mediatidade da unidade do ser como quantidade, passando pela sua imediatidade plural e confluindo em sua continuidade mediata descritiva, em nenhum momento se estabeleceu relações com qualquer realidade estranha e alheia a mesmidade que vincula o ser a sua identidade de si para consigo e do ser fora de si. Nada escapa, portanto, a esse movimento de reconhecimento mútuo do ser que é uma quantidade suprassumida na unidade, na pluralidade e na continuidade. Trata-se de uma quantidade pura, portanto, sem sofrer a incidência de alguma realidade externa a ela. Tudo nela é reconhecimento e identidade, por essa razão, as relações que se estabelecem ao seu interior são relações sempre simples. E, nesta simplicidade, contribui-se para enfrentar toda e qualquer ameaça que venha a ferir a sua própria natureza de quantidade pura, que estende a sua compreensão para além de um formalismo solipsista, para um entendimento baseado numa essencialidade substancial, constitutiva do ser em sua integralidade uma, pluri e contínua.

## 5 Considerações finais

A compreensão do ser como quantidade pura, suprassumida mediatamente como unidade, que quebra a rigidez da inflexibilidade, imediatamente como pluralidade, que em sua simplicidade e identidade se descreve, mediatamente como continuidade que impede o finalismo absoluto, consiste no ultrapassamento e superação de um entendimento baseado num estranhamento formalista. Todos os momentos dialéticos pelos quais passa o ser suprassumido como quantidade pura, desde a sua unidade mediata, passando pela sua pluralidade imediata e confluindo em sua continuidade mediata, apontam para a simplicidade e identidade do uno que é para si. Inclusive, o próprio ser de um fora do outro da pluralidade é compreendido como um não diferenciado, por isso, é ele mesmo, e sua unidade, pluralidade e continuidade simples. Em hipótese alguma neste ser como quantidade pura está presente qualquer realidade que não seja alguma realidade do próprio ser, portanto, reconhecida por este mesmo ser como pertencente a sua própria constituição substancial.

Pela categoria de quantidade pura, Hegel está empenhado, mais uma vez, em responder ao desafio de superação de toda manifestação de estranhamentos formalistas. A quantidade, em sua pureza, traduz a grandeza de completude do ser que se relaciona consigo, constituindo uma unidade com o ser fora do outro na pluralidade e com o ser não diferenciado ininterrupto na continuidade. A própria dimensão quantitativa do ser aponta para a realidade de um ser que suprassume: supera e guarda todos os momentos anteriormente vividos. Por essa razão, a cada momento que se supera no conjunto do processo dialético se caminha na direção a um aumento de riqueza substancial, qualitativamente falando. Portanto, é uma quantidade que, em meio a qual, desconhece qualquer realidade alheia e estranha, que tende a se expressar pela faculdade de representação superficial do entendimento, para avançar na direção de uma compreensão substancial dele.

A quantidade, enquanto categoria que quebra a rigidez do uno em unidade flexível, supera qualquer aspecto acéfalo incapaz de criar. De modo que, nesta unidade flexível, já não se constitui como partes isoladas, incapazes de se relacionarem reciprocamente. Assim, integrados nesse todo, cada parte, dialogando entre si, contribui para a sua coesão interna, afastando-se de tudo o que pode provocar repulsão. Pelo contrário, pela unidade, enquanto flexibilidade de partes em diálogo, cada parte é atraída em direção ao ultrapassamento de tudo o que pode ser causa de divisão. Pela duplicidade entre repulsão e atração, entre ser em si e para si, entre ser e outro, se põe a pluralidade como ela é em si numa relação de igualdade simples.

A pluralidade, embora constituída pelo diverso e múltiplo, não pode se confundir como diferença entre um e outro. Pois, mesmo que existe o plural, isto não afeta a mútua identidade entre o uno e outro que compõe a totalidade. Se guarda na pluralidade a mesmidade que se depreende de cada uno, afastando assim, mais uma vez, qualquer tipo de estranhamento formalista que possa ameaçar a unidade substancial



do ser quantitativamente compreendido. A pluralidade se caracteriza como um movimento de iguais em diálogo que se atraem pelo movimento de continuidade que se expressa na descrição dos unos.

A continuidade consiste num movimento de ininterruptibilidade de unos que são descritos de modo a expressarem a sua riqueza substancial, sem que, com isso, se perca de vista a sua mútua identificação, enquanto mesmidades que dialogam. Neste processo de mútua identificação, o outro passa a ser uma própria extensão de si mesmo, portanto, o outro é continuidade de si mesmo. E, nesse movimento de continuidade se previne, mais uma vez, contra o problema da interposição de alguma realidade que venha a se fazer sentir como obstáculo, rompimento e estranhamento.

Logo, o ser suprassumido como quantidade pura, tanto, na sua mediação unitária que supera a rigidez do uno, pelo saltar a uma mediação plural de unos que se reconhecem em suas semelhanças e mesmidades, até confluir em uma continuidade entre unos que descrevem a sua riqueza substancial, está presente o desafio de superação do estranhamento do ser, que está na base de um entendimento formal dele. A superação do formalismo do ser, pelo combate ao seu estranhamento, tem na categoria de quantidade pura a compreensão de sua essência, mediante os momentos dialéticos da unidade, da pluralidade e da continuidade.

## Referências

HEGEL, G. W. F. *Ciência da Lógica. O Ser*. Edição de 1812 Tradução e notas de Henrique de Lima Vaz. São Paulo: Edições Loyola, 2021.

HEGEL, G. W. F. *Ciência da Lógica. A doutrina do ser*. Tradução Christian G. Iber et all. Editora Vozes: Petrópolis, 2016.

INWOOD. Michael. *Dicionário Hegel*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2007.

LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Escritos de Filosofia. Ontologia e história*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *A formação do pensamento de Hegel*. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. A metafísica enquanto instância fontal da filosofia no pensamento de Lima Vaz. In: *Revista Síntese*, Belo Horizonte, v. 39, n. 124, 2012.

SAMPAIO, Rubens Godoy. *Metafísica e modernidade. Método e estrutura, temas e sistema em Henrique Cláudio de Lima Vaz*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.



# COGNITIO

Revista de Filosofia  
Centro de Estudos de Pragmatismo

São Paulo, v. 25, n. 1, p. 1-10, jan.-dez. 2024  
e-ISSN: 2316-5278

 <https://doi.org/10.23925/2316-5278.2021v22i1:e67533>